

PIAY AUGUSTO, Diego; ARGUELLES ÁLVAREZ, Patricia, eds. (2021) – *Villae romanas en Asturias*, Roma; Bristol: “L’Erma” di Bretschneider, 323 pp. (*Studia Archaeologica*, 249), ISBN 978-88-913-2253-1

http://doi.org/10.14195/1647-8657_61_10

Monumentos mais emblemáticos da *ruralitas* latina, as *villae* hispânicas ainda hoje marcam a paisagem rural, tantos e tão volumosos são os seus testemunhos. Incontáveis escavações foram realizadas nos seus restos desde que o Homem começou a olhar para estes sítios com fascínio e com uma curiosidade sistemática. A imensa riqueza e qualidade artística dos objetos (esculturas, *instrumenta domestica*) e estruturas (pavimentos de mosaicos, estuques parietais, revestimentos marmóreos) motivou ações vinculadas ao estudo artístico e estético, até que progressivamente se foram impondo abordagens mais sustentadas no *olhar do arqueólogo*: seja numa primeira instância pela análise comparativa das planimetrias – desde logo, a *opera magna* de Jean-Gérard Gorges (1979) – seja com a progressiva publicação de monografias de sítios intervencionados utilizando modernas metodologias de escavação. O progressivo fluxo de dados permitiu a realização de reuniões científicas (REMOLÀ, 2007; REVILLA, GONZÁLEZ E PREVOSTI, 2008-2010; NOGUERA CELDRÁN, 2010; FICHES, PLANA-MALLART E REVILLA, 2013) e sínteses regionais (AGUILAR SAENZ E GUICHARD, 1993; REGUERAS GRANDE, 2013), acompanhando a notável produção bibliográfica internacional (em especial MARZANO, 2007, mas também DERKS E ROYMANS, 2012). O potencial das *villae* é inesgotável, o que permite a entrada, nos últimos anos, em outros patamares da sua divulgação: além dos sítios musealizados que integram a *Rede de villas romanas de España*, são produzidos catálogos de grande fôlego e profundidade de análise (HIDALGO PRIETO, 2016), ambiciosas sínteses internacionais (MARZANO E MÉTRAUX, 2018) e, de novo, amplas reuniões científicas com apresentação de estudos de caso e de novas perspectivas (NOGUERA, DE MIQUEL E MARTINEZ, 2019; MARTINEZ, NOGALES, RODÁ, 2020).

Como é natural, esta dinâmica não abrange (infelizmente) todos os territórios de igual forma. Após *vinte anos prodigiosos*, a Lusitânia entrou numa dormência da qual apenas pontualmente se liberta (CARNEIRO, 2017: esp. 234 ss.), fruto de constrangimentos financeiros e da difícil renovação nas novas gerações de investigadores. Para o Norte, o panorama parecia ser desolador: “las villas romanas en Asturias [...] el análisis y estudio de esta forma de po-

blamiento y de organización socio-económica se halla aún en germen [...]” escrevia Narciso Santos Yanguas em 1991 [*apud* p. 9 do prefácio], situação que, apesar da realização de um outro congresso internacional (FERNÁNDEZ-OCHOA, GARCIA-ENTERO E SENDINO, 2008) e dos notáveis resultados na *villa* de Veranes (Gijón), se aplicou com toda a propriedade. Todavia, agora dispomos de uma monografia de amplo fôlego: a edição coordenada por Diego Piay Augusto e Patricia Arguelles Álvarez dá-nos uma completa perspetiva sobre um conjunto de sítios que, até recentemente, eram quase desconhecidos. Agora podemos conhecer a riqueza e complexidade de uma rede de povoamento que, até pouco tempo, se julgava débil e articulada em alguns povoados de altura que mantinham as suas populações do substrato indígena, que assim viviam à margem do *modus vivendi* clássico.

Afinal, como em tantas ocasiões, o que existia era um problema de *intensidade* de investigação ou de ausência de um projeto. A partir do momento em que há investigadores dedicados – e sublinhe-se que o projecto “no ha contado con financiación para su realización” (p. 15) – logo se demonstra a valia dos resultados obtidos, a ponto de merecer publicação na prestigiada editora “L’Erma” di Bretschneider. Neste caso, o mérito da iniciativa ainda é acrescido pelo facto de, contornando as ausências de apoios institucionais, se terem envolvido alunos ao abrigo de um projeto de inovação docente, esperando-se que a dinâmica criada “sea la piedra angular de futuras actuaciones que impulsen la investigación y revalorización de las villas romanas documentadas en Asturias” (p. 16). O potencial de partida é evidente e a capacidade de mobilizar interessados fica bem patente, pelo que futuras iniciativas serão por certo concretizadas.

O trabalho colaborativo dos alunos centrou-se no apoio ao preenchimento de vinte e seis fichas de catálogo que constituem a segunda parte do volume (p. 282), informação que pela primeira vez é reunida para esta região. A opção por fichas pré-formatadas e padronizadas permite a comparação entre registos, ficando dois campos reservados a informação em texto corrido: a descrição de cada sítio, no qual ficam evidentes os desequilíbrios informativos existentes (dado existirem sítios intervencionados e outros apenas sumariamente referenciados), e um campo para a história da investigação de cada local, acrescido de bibliografia própria. Quando existem, são publicadas plantas de sítio – muito escassas, dada a incipiente investigação e publicação – e a leitura beneficia das imagens zenitais captadas em vôo drone, que também nos permitem visualizar o magnífico enquadramento paisagístico de alguns locais.

O catálogo é antecedido de cinco estudos a cargo da equipa do projeto. Diego Piay Augusto tratou um extenso conjunto de fontes documentais clássicas que descrevem as *villae* e a vivência *in rure* (pp. 21-38), organizando uma útil tábua-síntese com os principais autores, suas obras, cronologias e temas principais (pp. 35-36); em seguida, o mesmo autor aborda a investigação arqueológica sobre o tema na região em análise, comparando de forma exaustiva a rede asturiana com o conhecido para regiões vizinhas e para a própria *Hispa-*

nia (pp. 39-54); Patricia Arguelles trata da relação entre as *villae* e a rede viária, uma das suas áreas de investigação (explicando-se assim também a riqueza informativa do aparato de notas de rodapé), o que permite perceber como “el patrón de poblamiento y la propia red viaria van a estar intimamente ligados en un paisaje” (p. 55), além da facilidade de trânsito numa paisagem complexa constituir a lógica imanente à estruturação da rede de povoamento (pp. 55-75); segue-se uma análise da evolução diacrónica com base nos padrões de frequência dos numismas, a cargo de José González de Aspuru (pp. 77-117) e finalmente, a busca das informações das primeiras presenças cristãs nas *villae* astur-romanas, por Narciso Santos Yanguas (pp. 119-136), com nova útil táboa-síntese que reúne os principais elementos que podem ser convocados para o estudo desta realidade (p. 134). Neste campo, anota-se que, para além da expectável evidência de culto cristão em âmbito doméstico das *villae*, também se reconhecem casos de culto em povoados fortificados de altura, que são reocupados a partir do século V e VI (pp. 123-124), o que lança novas luzes sobre as dinâmicas sociais nestes territórios. O volume finaliza com as conclusões (pp. 283-288), nas quais se publicam uma planimetria das *villae* reconhecidas (p. 286) e uma táboa cronológica dedicada ao conhecimento dos processos históricos no território asturiano (pp. 289-294).

O volume, portanto, vai muito além do objetivo de se assumir como “una obra que contiene información actualizada y rigurosa de los principales yacimientos que pueden ser tipificados como *villae*” (p. 141), na medida em que apresenta um conjunto de textos que contextualizam e colocam em perspetiva dinâmicas essenciais para o entendimento das relações sociais, económicas e culturais mantidas nestes locais. Permite-nos perceber o que já havia sido documentado no extenso projeto de escavação/valorização da *villa* de Veranes: que nas paisagens asturianas, antes vistas como periféricas e pouco “romaniizadas”, encontramos sítios dotados de elevado requinte decorativo (nove com pavimentos de mosaicos), monumentalidade e originalidade criativa, demonstrando a dinâmica da *romanitas* por toda a *Hispania*. Dois perfis de *villae* parecem ser notórios, com uma franja litoral de sítios dedicados ao aproveitamento dos recursos marinhos e em maior conectividade com centros urbanos, enquanto nas zonas interiores a preferência centra-se na implantação em zonas baixas, próximas de solos férteis, de modo a maximizar o potencial agro-pecuário. Nesta obra, só o catálogo já seria da maior utilidade, pelas ameaças que impendem sobre estes sítios, fruto de uma paisagem rural que por vezes sofre dramáticas alterações (e note-se que nas Astúrias extensos territórios são de paisagem protegida, sem as ameaças das florestações e cultivos intensivos que proliferam em paragens mais a sul). Quatro destes sítios já desapareceram – Jove, Natahoyo, Pumarín e Paraxuga (p. 285) – o que nos deve alertar a todos para os riscos a que estão sujeitos estes locais, emblemas da presença de Roma nos campos da *Hispania*.

BIBLIOGRAFIA

- AGUILAR SAENZ, A.; GUICHARD, P. (1993) – *Villes romaines d'Extremadure: Doña Maria, La Sevillana et leur environnement*, Madrid.
- CARNEIRO, A. (2017) – A villa romana como projecto de poder. Da romanidade à interpretação arqueológica, in BASARRATE, T. Nogales, ed. – *Lusitania romana: del pasado al presente de la investigación. IX Mesa-redonda Internacional de Lusitania*, Mérida, pp. 233-254.
- DERKS, T.; ROYMANS, N. (2012) – *Villa landscapes in the Roman North*, Amsterdam.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C.; GARCÍA-ENTERO, V.; GIL SENDINO, F., eds. (2008) – *Las villae tardorromanas en el occidente del Imperio. Arquitectura y función*, VI Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón, Gijón.
- FICHES, J.-L.; PLANA-MALLART R.; REVILLA V., eds. (2013) – Paysages ruraux et territoires dans les cités de l'occident romain. Gallia et Hispania, *Actes du colloque international Ager IX*, Barcelona.
- GORGES, Jean-Gérard (1979) – *Les Villas Hispano-Romaines: inventaire et problématique archéologiques*, Paris (Publications du Centre Pierre Paris , 4).
- HIDALGO PRIETO, R., coord. (2016) – *Las villas romanas de la Betica*, 2 vol., Sevilla.
- MARTINEZ, R.; NOGALES, T.; RODÀ, I., coord. (2020) – *Congreso Internacional las villas romanas bajoimperiales de Hispania – Actas*, Palencia.
- MARZANO, A. (2007) – *Roman villas in central Italy. A social and economic history*, Leiden-Boston.
- MARZANO, A.; MÉTRAUX, G., eds (2018) – *The Roman villas in the Mediterranean basin. Late Republic to Late Antiquity*, Cambdrige.
- NOGUERA CELDRÁN, J. M., coord. (2010) – *Poblamiento rural romano en el Sureste de Hispania: 15 años después*, Murcia.
- NOGUERA CELDRÁN, J. M.; DE MIQUEL, L.; MARTINEZ, S., coord. (2019) – *Vida y producción rural en el sureste de Hispania*, Murcia.
- REGUERAS GRANDE, F. (2013) – *Villas romanas del Duero. Historia de un paisaje olvidado*, Valladolid.
- REMOLÀ VALLVERDÚ, J. A. (2007) – El territori de Tarraco villes romanes del Camp de Tarragona, *Forum 13*, Tarragona.
- REVILLA, V.; GONZÁLEZ, J.R.; PREVOSTI, M., eds. (2008-2011) – *Simposi les vil·les romanes a la Tarraconense. Implantació, evolució i transformació. Estat actual de la investigació del món rural en època romana*, Barcelona.

André Carneiro
 Universidade de Évora, Departamento de História da | CHAIA-UE | CECH/FLUC
 ampc@uevora.pt
<https://orcid.org/0000-0002-0824-3301>